

Artigo original

A INCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS EM PROJETOS SOCIAIS RELACIONADOS À DANÇA: UMA BREVE REVISÃO

THE SOCIAL INCLUSION OF YOUNG PEOPLE IN SOCIAL PROJECTS RELATED TO DANCE: A BRIEF REVIEW

Ediney Linhares da Silva¹

RESUMO

Este trabalho tem como lócus de pesquisa o Lar Fabiano de Cristo, em Caucaia-CE. Como objetivo geral busca-se identificar, com base na visão de jovens, se os projetos sociais podem promover sua inclusão social por intermédio da dança. Traçaram-se como específicos os seguintes objetivos: Conhecer o incentivo familiar aos jovens quanto à sua participação nos projetos sociais que abordam a dança; Destacar a motivação dos jovens para estarem envolvidos com as atividades dos projetos sociais que lidam com dança; e, por fim: Relatar as transformações ocorridas com os jovens participantes de projetos sociais relacionados à dança. A metodologia empregada foi de finalidade pura com profundidade exploratória. Foi delimitada a pesquisa com base em fontes bibliográficas e documentais, além da utilização de uma pesquisa de campo, onde as observações simples e participantes foram realizadas. Como aporte teórico foram discutidos os conceitos de família, juventude, inclusão social, projetos sociais, cultura e dança, com base em autores como: Calabre (2007), Chauí (2007), Chizzotti (2006), Ferrari e Kaloustian (2011), Ferreira (2009), Laraia (2009), Miller (2012), Ossoona (1988), Rubim; Barbalho (2007). De posse desse aparato, e sabendo que o fenômeno do aparecimento de políticas culturais, nascedouro dos projetos sociais, e sua relação com a sociedade não é recente, mas evidenciada a partir do século XX, ver-se-á como esses projetos influenciam os jovens a exercerem o papel social que lhes é cabido, percebendo, também, que sua marginalização e consequente invisibilidade social se dão desde a tradicional divisão da sociedade em estratos sociais.

Palavras-chave: Família. Juventude. Inclusão social. Projetos Sociais. Cultura. Dança.

ABSTRACT

This work is to research the locus Lar Fabiano de Cristo in Caucaia-CE. As a general objective seeks to identify, based on the vision of young people if social programs can promote social inclusion through dance. were drawn as specific the following objectives: To know the family encouragement to young people for their participation in social projects that address the dance; Highlight the motivation of young people to be involved with the activities of social projects that deal with dance; and finally: Report the changes occurred with the young participants of social projects related to dance. The methodology employed was pure purpose for exploratory deep, where the research was designed based on bibliographical and docu-

¹ Bacharel em Serviço Social. Especialista em Dança e Educação pela Faculdade Terra Nordeste (FATENE) . Caucaia, Ceará, Brasil. E-mail: escritorderealidades@hotmail.com

mentary sources, besides the use of a field research, where simple observations and participant were held. As a theoretical framework discussed the concepts of family, youth, social inclusion, social, culture and dance, based on authors such as Calabre (2007), Chauí (2007), Chizzotti (2006), Ferrari and Kaloustian (2011) Ferreira (2009), Laraia (2009), Miller (2012), Osson (1988), Rubim; Barbalho (2007). Possession of this apparatus, and knowing that the phenomenon of the emergence of cultural policies, birthplace of social projects, and its relationship with society is not new, but evidenced from the twentieth century will be to see how these projects affect young people to exercise the social role to which they are fitted, realizing, too, that their marginalization and consequent social invisibility are given from the traditional division of society into social strata.

Keywords: Family. Youth. Social inclusion. Social projects. Culture. Dance.

INTRODUÇÃO

Vivenciamos contemporaneamente, em quase todos os países do globo, a era capitalista, quando o querer ter, o parecer ter, o consumir e o ostentar são sentimentos quase que inerentes às mentes jovens. Situamo-nos no tempo do supérfluo, quando tudo o que existe em termos de bens materiais refere-se ao momentâneo, tão logo passageiro, que é criado e em seguida é ressignificado numa versão exclusivamente nova, anexada de novidades, enrustida de mais tecnologia.

No tempo do supérfluo, não existe rico e pobre (numa visão estigmatizada) somente; existe o rico, o proletariado honesto e aquele mais empobrecido marginalizado, certo de que a saída da pobreza é o crime. Acreditando nisso, ele passa a ser causador de desordem no meio social é comum aderir às drogas, pois esse marginalizado não vê meios de construir para si uma vida familiar, profissional, cultural, financeira, sobretudo, humana.

Com o intuito de evitar que esses jovens sigam um caminho, muitas vezes sem volta, os projetos sociais desenvolvem trabalhos que visam incluí-los ao meio social. Muitos desses projetos são voltados para a área cultural, onde o teatro, a pintura, o esporte ou a dança, por exemplo, são responsáveis por aproximarem esses mesmos jovens da educação e trazê-los para uma vida socialmente equilibrada.

Desse modo, deter-se-á ao longo desse trabalho a estudar os projetos sociais voltados à dança, identificando (de acordo com a visão dos jovens participantes desse tipo de atividade) se, por meio dela, é possível promover a inclusão social dos jovens.

REFERENCIAL TEÓRICO

Revisitando alguns conceitos

Estudar o fenômeno da *Inclusão Social de Jovens em Projetos Sociais relacionados à Dança* requer uma abordagem sistemática de alguns conceitos para que se possa entender a lógica que envolve os protagonistas dessa história. Para tanto é necessário partir rumo ao aprofundamento da conceituação da *célula-mater* da sociedade: a família.

Considerado como lócus onde as decisões primeiras surgem, a família, segundo Ferrari e Kaloustian (2011, p. 11): “... é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando”, “através dos séculos e dos milênios a família foi mudando de feições, suas regras de constituição foram-se alterando, que, acrescidas de outros fatores, surgem outros grupos que vão além do grupo familiar” (ENGELS, 2010).

Ferrari e Kaloustian (2011, p. 12) ainda ressaltam que:

é a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Numa visão abrangente, nota-se que a estrutura familiar vem sendo abalada por diversos elementos opostos à ordem social, tais como: a violência, que entra cada vez mais cedo nos lares; o abandono dos estudos pelos jovens tem ocorrido de maneira mais precoce; seu envolvimento com o crime e sua marginalização têm sido comuns com o decorrer dos anos, trazendo um contexto de caos e desordem, e o clima de medo e insegurança entra nos lares e se estabelece o enfraquecimento nos laços da família.

A entrada dos jovens na marginalidade foge das “asas familiares”, já que “é consenso que a situação de vulnerabilidade das famílias encontra-se diretamente associada à sua situação de pobreza e ao perfil de distribuição de renda no país” (FERRARI; KALOUSTIAN, 2011, p. 12).

Em termos legais o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990, p. 17) e a Constituição da República Federativa do Brasil (1988, p. 60) em seu Capítulo VII art. 227, dizem que:

é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-lo a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Ao verificar esse texto compreende-se que também é papel da família incentivar seus jovens às práticas sociais saudáveis: pois não basta assegurá-las, mas acompanhá-las. Em seu entorno observa-se que ela não é uma instituição à parte, estática e imóvel, mas um grupo de contribuições em constante mudança e evolução, com visões nunca fixas, e “nortes” variados, com modos de vida ímpares, onde se vê que “basicamente, a importância da família está em oferecer o pertencimento e favorecer a individuação. Ela tem um papel fundamental, mas não é a única. É necessária uma congregação de forças” (GIONGO, 2010).

Tal congregação remete a que se reflita sobre a responsabilidade tida por elementos extrafamiliares na formação do ser social. Tratar o contexto familiar sem considerar os fatores externos é negligenciar o conjunto das relações que se dá fora do lar, já que no processo de amadurecimento do sujeito a juventude é uma das etapas marcantes na constituição do indivíduo, entendida como “uma noção construída na modernidade que revela como jovens reinventam e reinterpretam, o tempo todo, formas culturais heterogêneas” (PIRES, sd), sendo “uma categoria histórica” (PIRES, sd apud ABRAMO, 1994).

De fato, a juventude é a fase entre a idade infantil e adulta. Nela não existe maturidade plena, nem total inocência. Os tais fatores externos (escola, drogas, amizades, violência, etc.) influenciam de forma, positiva ou negativa, à juventude, pois, se no seio familiar existem cuidados, na rua existem riscos.

Outra questão levantada por Abramo é o período pós-Segunda Guerra Mundial, quando ocorrem mudanças significativas na configuração e problematização da juventude, ampliada e vinculada aos espaços de lazer, a indústria cultural e aos meios de comunicação. É o momento que “aparecem os temas da rebeldia juvenil, e dos conflitos familiares como padrão generalizado ligado à condição juvenil” (PIRES, sd).

Nesse contexto, em que o jovem sofre os mais diversos impactos (da ideologia do ter da mídia, das drogas, violência, marginalização, entre outros), tratar a sua inclusão social em determinado meio é um desafio profundamente complexo, já que, por sua vez, ela representa um “processo que garante que as pessoas em risco de pobreza e exclusão social acendam às oportunidades e aos recursos necessários para participarem plenamente nas esferas econômica, social e cultural...” (COM, 2003, p. 9, apud BORBA; LIMA, 2011, p. 222).

Falar no fenômeno *inclusão* é quase que, como pensar numa varinha de condão. Para funcionar, a varinha depende do pedido de alguém a uma fada para que esta possa dar o comando de realização do desejo. Já a inclusão depende das ações de agentes que verão primeiramente a exclusão existente, para que possam exercer um trabalho sobre ela.

Cabe aqui, também, mostrar a relação entre a inclusão e a exclusão, já que são ações concomitantes, uma vez que um indivíduo será incluído num meio e excluído de outro, e vice-versa. Entendendo que a inclusão é dada após a exclusão, esta última “é a impossibilidade de poder partilhar da sociedade e leva à vivência da privação, da recusa, do abandono e da expulsão, inclusive com violência, de uma parcela significativa da população” (SPOSATI, 1996, p. 13, apud CARVALHO, sd).

Também se pode tratar esse conceito sob o olhar:

a exclusão é definida, neste contexto, como negação da cidadania, da garantia e efetividade de direitos civis, políticos e sociais, ambientais e da equidade de gênero, raça, etnia e território. A exclusão é um processo dialético e histórico, decorrente da exploração e da dominação, com vantagens para uns e desvantagens para outros, estruturante da vida das pessoas e coletividades, [...] (FALEIROS, 2006 apud SILVA¹, 2011).

Já a inclusão, segundo Wixey et al (2005, p. 16) citado por Borba e Lima (2011, p. 222) é um “processo pelo qual a exclusão social é amenizada. Caracteriza-se pela busca da redução da desigualdade através de objetivos estabelecidos que contribuam para o aumento da renda e do emprego”.

Ora, não basta se conceituar nesse trabalho um ou outro fenômeno, é necessário entender como eles se dão. Embora haja a falta ou a presença da família inter-relacionada ao incentivo dos jovens, esses fenômenos ocorrem em situações próprias às suas características. A exclusão social, de acordo com Lopes (2006, p. 13) citado por Borba e Lima (2011, p. 223):

Caracteriza-se por um conjunto de fenômenos que se configuram no campo alargado das relações sociais contemporâneas: o desemprego estrutural, a precarização do trabalho, a desqualificação social, a desagregação identitária, a desumanização do outro, a anulação da alteridade, a população de rua, a fome, a violência, a falta de acesso a bens e serviços, à segurança, à justiça e à cidadania, entre outras.

Por outro lado a inclusão social surge a partir de fatores, tais como:

valorização das pessoas e grupos independentes de religião, etnia, gênero ou diferença de idade; estruturas que possibilite possibilidades de escolhas; envolvimento nas decisões que afetam a si em qualquer escala; disponibilidade de oportunidades e recursos necessários para que todos possam participar plenamente na sociedade. (WIXEY et al, 2005, p. 17, apud BORBA; LIMA, 2011, p 223).

Sabendo dessa tácita relação entre esses fenômenos é necessário saber também que tudo isso em equivalência de ações passa por estudos e análises dentro dos projetos sociais para que haja uma concórdância entre a realidade social e as ações de enfrentamento às questões sociais estabelecidas. Novaes (2006, p. 113/ 114) citada por Souza (2008, p. 10), por exemplo, diz que eles, os projetos sociais:

(...) podem contribuir para a superação de certas marcas de exclusão pelo aumento da escolaridade, da capacitação profissional, da consciência étnica, de gênero, de pertencimento local comunitário. Os projetos sociais tornam-se pontes para um determinado tipo de inclusão social de jovens moradores de certas áreas marcadas pela pobreza e pela violência das cidades. Com eles, uma parcela dos jovens pode inventar novas maneiras de sociabilidade e integração societária que resultem em determinadas modalidades de inclusão.

Mas é importante lembrar que os projetos sociais e as pessoas que neles trabalham não devem acolher “coitadinhos”, e sim pessoas desassistidas de direitos. Em uma entrevista dada ao programa Salto para o futuro da TV Escola, Silva³ (2008, p. 3) desabafa:

Eu acho muito importante para quem trabalha com jovens em áreas empobrecidas, favelas, conjuntos, que não olhe o jovem, o adolescente como o ‘coitadinho’, ou como potencial marginal. É importante olhar para ele e ver um cidadão. Um cidadão que tem condições e que precisa de oportunidades na sociedade brasileira, porque o que acontece é que muita gente vai com muita boa vontade para essas áreas, mas acaba que, ao invés de ajudar a promoção desse adolescente, ele acaba ‘achatando’ a sua condição de cidadão, porque não está olhando para ele como um ser de direito, está olhando para ele como alguém que precisa de uma ajuda, de uma bengala para poder não cair no abismo. Então, acho que a primeira coisa é essa, todo trabalho que se enfrenta, e acho importante que quem vai fazer um trabalho social tenha na cabeça que vai encontrar aí cidadãos, vai encontrar aí cidadãos plenos de direito e que precisam alargar a sua base de atuação na sociedade brasileira. Isso é importante. (sic)

Dado o surgimento dessa nova forma de ação no âmbito social Souza (2008, p. 8) destaca que:

essa modalidade de intervenção se popularizou a partir da década de 1990, possuindo características bastante definidas, entre elas a realização de uma série de atividades objetivando uma finalidade comum, tendo duração restrita em um período no tempo. Esta dimensão geralmente está atrelada ao fato de haver um recurso definido para tal ação (por vezes com possibilidade de renovação); trata-se também de ação focalizada em determinado “público”, representado por um número “X” de indivíduos. Ganhando maior força e visibilidade como modo de ação de organizações não governamentais, os projetos passaram a ter, nesta mesma década (e em tempos de expansão do neoliberalismo), *status* de políticas públicas. Ou melhor, muitas políticas públicas governamentais passaram a ser pensadas e realizadas a partir da lógica dos projetos sociais. No caso de ações governamentais e não governamentais voltadas para crianças, adolescentes, e mais recentemente, para jovens, os projetos sociais tiveram papel central. Ao mesmo tempo em que demarcam uma maneira de conceber e executar atividades voltadas para este público, esses projetos também acabam por fornecer uma “chave de expressão” para aqueles (as) que buscam trabalhar com populações específicas. Tal chave permite delimitar um objetivo, um conjunto de ações, metas e mecanismos de avaliação; ao mesmo tempo em que acaba criando alternativas e gerando expectativas junto àqueles (as) que pretende inserir. Aspectos como o **controle** do tempo livre dos(as) jovens; a **formação** dos(as) mesmos(as) para desempenhar determinadas funções ou fazer certas atividades; a **preparação** para a inserção no mercado de trabalho e algum tipo de **remuneração** ou pagamento de uma “ajuda de custo” (as “bolsas”) são dimensões que costumam estar vinculadas a ações voltadas para adolescentes e jovens denominadas “projetos sociais”.

Pensar essas possibilidades faz com que se pense também que esses projetos vêm trazer um arcabouço de conhecimento infundido de desafios. Projetos sociais que trabalham com cultura, mas propriamente atrelada à dança, são, em sua maioria, altamente negligenciados em seu lócus de atuação, pois, em tese, deveriam ser meio de adquirir um conhecimento específico e geral da própria cultura, da própria dança, e, às vezes, tratam por se deixar ser apenas mero passatempo.

Laraia (2009, p. 67) nos diz que “Ruth Benedict escreveu em seu livro *O crisântemo e a espada* que a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”. Ora, cada homem reside num ambiente dado e consolidado por suas diferenças, das formas mais distintas possíveis; logo, a cultura é um conceito, uma visão relativa, mutante, que passa pelos olhares e crivos de todos. A saber, “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural” (LARAIA, 2009, p. 68), e, portanto, agem e interagem sobre todos.

Ainda em termos de definição, “Edward Tylor sintetizou o termo germânico *Kultur* e a palavra francesa *Civilization* na palavra inglesa *Culture*” (LARAIA, 2009, p. 25), tendo feito isso, a palavra “representava um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 2009, p. 25).

Em complementação, Duarte e Martins (2012), citados por Malanchen (sd, p. 1), referem-se à cultura como uma,

atividade humana acumulada, envolve a ação do ser humano e sua relação com a natureza, para produzir sua existência. Definindo etimologicamente, cultura significa: lavoura, cultivo, ou seja, é um elemento que deriva da natureza, de sua transformação pela ação humana.

Ao pensarmos num conceito tão intrínseco ao homem entendemos porque tamanha complexidade. A cultura desempenhada nesses projetos sociais não visa simplesmente a uma aculturação (moldagem de um indivíduo a um meio de costumes que não é de seu cotidiano – definição nossa), visa a uma formação, um agregar de valores e conhecimento, não a mera diversão como antes citado.

A criação da cultura e a criação do ser humano são na verdade duas faces de um só processo, que passa de principalmente orgânico na primeira fase a principalmente social na segunda, sem, contudo em qualquer momento deixarem de estar presentes os dois aspectos e de se coincidirem reciprocamente (VIEIRA PINTO, 1985, p.122, apud MALANCHEN, sd, p. 6).

O homem aprende tarefas e outras coisas mais no dia a dia, na rotina de uma vida, e, assim, levava para a posteridade. Uma vez que a cultura, num sentido amplo, age sobre a coletividade, faz-se importante lembrar que ela depende das gerações anteriores, e que, sem isso, esse estudo não seria capaz de abarcar esse campo de pesquisa.

Por meio da dança, uma atividade mais que cultural, essa juventude pode abrir portas com o seu talento, muitas vezes descoberto na prática dos projetos sociais. Ela “tem como finalidade a expressão dos sentimentos mais nobres e mais profundos da alma humana...” (DUNCAN apud OSSONA, 1988, p. 9), e “dançar é dizer coisas inteligentes com o corpo.” (MVSIIKA! CENTRO DE ESTUDOS, 1977 apud SCHIFINO, 2011, p. 7), ou seja, ao mesmo tempo, “arte e movimento; aprender arte envolve, além do desenvolvimento das atividades artísticas e estéticas, apreciar o belo, situar a produção artístico-social” (FERREIRA, 2009, p. 15).

A dança é “uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem...” (COLETIVO DE AUTORES, p. 82 apud FERREIRA, 2009, p. 15). Nela, ele externa suas vontades e desejos, exprime ideais, promove a educação por meio de uma linguagem singular e fala por meio do seu corpo.

Um dia, pela primeira vez, o homem não encontrou as palavras adequadas para dizer o que sentia. Então esse homem (ou essa mulher) dançou. E desde esse tempo a dança se transformou numa maneira inteligente de dizer as coisas, com o corpo. Por isso, ensinar a dançar não é só ensinar a romper os limites físicos à ação humana. É ensinar uma nova e inteligente maneira de comunicar-se”. (MVSIIKA! CENTRO DE ESTUDOS, 1977 apud SCHIFINO, 2011, p. 7).

É com essa comunicação que os projetos sociais buscam retratar a realidade social, e a dança nada mais é que o instrumento necessário para esse fim. Vale ressaltar ainda nesse contexto que “... mais importante do que o desfecho do processo é o processo em si, pois normalmente somos levados a objetivar nossas ações a ponto de fixarmos metas e finalidades que acabam impedindo a vivência do próprio processo, do rico caminho a ser percorrido.” (VIANNA, 2005, p. 100, apud MILLER, 2012, p. 65).

Experimentar esse trajeto é tão importante quanto alcançar a inclusão social com o trabalho profissional; entender os motivos familiares, antes de tudo, sociais, que agravam a situação juvenil na sociedade é refletir sobre as práticas exercidas pela juventude. Ao querer transpassar a situação de exclusão social, muitos projetos apenas agem por beneficência e esquecem o indivíduo de direitos, atuam como

cedentes de favores, perpetuadores da bondade e não como difusores de uma ultrapassagem da margem desassistida ao palco principal de atuações humanas.

O dançar age sobre isso, ele promove a aproximação das pessoas e garante as expressões da vida; é ainda, segundo Fuhrmann (2008) citado por Silva (2011, p. 26):

um conjunto de relações sociais, no qual uma configuração de fatores vem corroborar para a construção da disposição artística da dança, permeando suas escolhas e evidenciando que a cultura não é um privilégio natural e que a prática cultural não é um dom e sim o resultado de uma construção social estabelecida pelas posições e condições sociais em que se vive e pela apropriação de bens culturais que possibilitarão o desenvolvimento da habilidade de dançar e de apreciar a dança.

De posse desse estudo e dos conceitos nele abordados, percebe-se a potencialidade que pode estar contida nos jovens e o quanto eles podem aproveitar essa oportunidade. Se os projetos sociais obtêm êxito no trabalho ofertado ou não, e se os jovens assimilam o status de transição social rumo à ascensão social ou não, são questões com variáveis distintas a serem ainda respondidas por mais estudos promovidos; essa realidade parte do objetivo que cada ator social ou instituição traz consigo, mas acredita-se que pode haver uma ultrapassagem do desnível social entre aqueles que sofrem uma usurpação de suas vidas no processo de marginalização.

METODOLOGIA

Ao longo dos estudos essa pesquisa assumiu uma profundidade exploratória, definida também por Gil (2011, p. 27) como aquela que tem por objetivo “proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.”. O mesmo autor ainda diz que “este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.” (GIL, 2011, p. 27).

Foi delineada, ainda, a pesquisa com base em fontes indiretas (ora bibliográficas, quando se fez a leitura de livros e artigos sobre o abordado tema; ora documentais, quando se confere à Constituição Federal Brasileira de 1988. Ambas as fontes foram escritas e de teor retrospecto e contemporâneo).

Sabendo que esse enfoque abarcaria não tão somente o tempo atual (o ano de 2015), identificou-se o emprego dos métodos de procedimento histórico, que “consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 89).

Baseado nesse enfoque, o estudo trouxe uma abordagem qualitativa do assunto tratado. Vale mencionar que foram discutidos ao longo desse trajeto empírico os conceitos de cultura, projetos sociais, inclusão social, juventude, família e dança, baseados em autores como: Calabre (2007), Chauí (2007), Chizzotti (2006), Ferrari e Kaloustian (2011), Ferreira (2009), Laraia (2009), Markoni e Lakatos (2010), Miller (2012), Ossona (1988), Rubim e Barbalho (2007), bem como artigos disponíveis na internet e textos encontrados na Constituição Federal do Brasil (1988) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da elaboração dessa produção teórica abordou-se a dança como uma ferramenta de inclusão social a ser utilizada positivamente em prol da sociedade. Isto foi possível por meio do levantamento bibliográfico. Os autores consultados fizeram suas contribuições para o embasamento desse trabalho.

Pode-se acrescentar que, do ponto de vista da dança como ferramenta de inclusão social, o contexto juvenil onde ela vem sendo aplicada insere conflitos que fazem com que essa fase contenha efeitos díspares da existência humana: como jovens, lhes é cobrada a responsabilidade e uma maturidade de escolha típicas da fase adulta, contudo, enquanto não adultos são vistos como inexperientes e inconsequentes, e são tratados, em alguns casos, como rebeldes e desordeiros.

Essa transitoriedade que implica a juventude, onde a linha tênue entre infância e fase adulta necessita de cuidados para que toda e qualquer ação voltada ao crescimento e desenvolvimento amplo desse estrato social tenha feliz o seu resultado diante das dificuldades enfrentadas.

Desse modo, nenhum exercício profissional exercerá diferença num indivíduo sem que este não se permita querer ser diferente.

Dentro desse discurso não se insere o pensar em mudar o mundo ou mudar alguém, mas oferecer-lhe subsídios para que a ultrapassagem da exclusão que é gerada pela sociedade seja realizada. É a própria sociedade que cria e que resolve suas desavenças; cria-as pelo sistema alienante no qual se insere, e resolve-as por conter sujeitos pensantes que vão de encontro aos ditames estabelecidos para mostrarem que pode existir uma realidade mais justa e igualitária.

No dançar é promovido um bem-estar sensitivo para a posterior prática do movimento, que evolui para uma forma diferente de ver o fato proposto (a exclusão). Dessa maneira, pode-se enxergar o mundo e o homem por meio da dança como um enfrentamento às suas questões sociais. Permite sentir a sociedade como um todo organizado e permite, que o outro também seja entendido. Incluir antes de tudo se refere a um movimento que parte daquilo que está fora (ex) para que este passe a estar dentro (in), esta é a função dos projetos que visam dar sentido a esse movimento.

A inclusão social por meio da dança é um exercício que vem sendo realizado há certo tempo, desenvolvido principalmente por profissionais e membros da sociedade civil inseridos no contexto do ensino da dança: Aplicam-se métodos e técnicas que a fazem ser vista como meio pedagógico e educador, além de ser transmitida a visão espetacular e de entretenimento, ponto esse mais explorado pela sociedade midiática.

REFERÊNCIAS

BORBA, A.A; LIMA, H.M. Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia. *Serv Soc Soc*. São Paulo, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n106/n106a03.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2014.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, DF: Senado, 2011.

CALABRE, L. *Políticas culturais no Brasil: balanço e perspectivas*. In: RUBIM, Albino (org). *Políticas Culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007.

CARVALHO, D. *Estratégias de Inclusão - um desafio da contemporaneidade*. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y9ZXtUrkQRUJ:artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc_1346740544_48.doc+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 15 maio. 2014.

CHAUÍ, M. Cultura política e política cultural. *Estudos avançados*. São Paulo, v. 9, n. 23, Abr. 1995.

_____. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Londres, 1891. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/humanities/472081-origem-da-fam%C3%ADlia-da-propriedade/>>. Acesso em 09 dez. 2010.

FERRARI, M; KALOUSTIAN, S.M (Org). *Família brasileira, a base de tudo*. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2011.

FERREIRA, V. *Dança escolar: um novo ritmo para a educação física*. 2. ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 2009.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. – 4. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2011.

GIONGO, C. *A família muda, mas continua a base da organização social*. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/mj/entrevista-06-2001.php>>. Acesso em: 09 dez. 2010.

LARIAIA, R.B. *Cultura: um conceito antropológico*. 24. ed., [reimpr.] – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MALANCHEN, J. *O conceito de cultura: definição e compreensão a partir da teoria marxista*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/3/artigo_simposio_3_945_julia_malanchen@hotmail.com.pdf>. Acesso em: 29 maio. 2014.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MILLER, J. *Qual é o corpo que dança? Dança e educação somática para adultos e crianças*. São Paulo: Summus, 2012.

OSSONA, P. *A educação pela dança*. São Paulo: Summus, 1988.

PIRES, E. *História da juventude: construindo um olhar*. Disponível em; <<http://www.uesb.br/eventos/gepraxis/trabalhos/eliane-nogueira-pires.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

RUBIM, A; BARBALHO, A (Org.). *Políticas Culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007.

SCHIFINO, R.B. Dança: palavra ou conceito? A perspectiva adotada pelas academias particulares de Goiânia (1973-1999). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300450327_ARQUIVO_textocompletoRejaneBonomiSchifino.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2014.

SILVA, E.S. *As entrelinhas da inclusão/exclusão social na atualidade: uma discussão conceitual*. V Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luís, 2011. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/DESIGUALDADES_SOCIAIS_E_POBREZA/>

AS_ENTRELINHAS_DA_INCLUSAO_EXCLUSAO_SOCIAL_NA_ATUALIDADE_UMA_DISCUSSAO_CONCEITUAL_.pdf>. Acesso em: 18 maio. 2014.

SILVA, I. Salto para futuro. *Ano XVIII boletim 10 - Junho de 2008*. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/182250Projetos.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2014.

SILVA3, S.S. *Habitus e práticas da dança: uma análise sociológica dos fatores que influenciam a prática da dança na cidade de Toledo – PR*. Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/25754/HABITUS%20E%20PRATICAS%20DA%20DANCA%20uma%20analise%20sociologica%20dos%20fato.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 maio. 2014.

SOUZA, P.L.A. Salto para futuro. *Ano XVIII boletim 10 - Junho de 2008*. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/182250Projetos.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2014.